

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CENTRO DE MEMÓRIA DO SUL FLUMINENSE GENIVAL LUIZ DA SILVA
(CEMESF)

Proibida a publicação no todo ou em parte. Permitida a citação. Permitida a cópia digital. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

HONORATO, Carlos Alexandre. Carlos Alexandre Honorato (testemunho da verdade, 2014). Volta Redonda, Comissão Municipal da Verdade de Volta Redonda, 2014. 27 p.

CARLOS ALEXANDRE
HONORATO
(depoimento, 2014)

Volta Redonda

2022

Ficha Técnica

tipo de entrevista: Depoimento prestado à Comissão Municipal da Verdade de Volta Redonda
entrevistador(es): Edgard D. A. Tonolli Bedê
transcrição:
conferência da transcrição: Maria Amália Sarmento Rocha de Carvalho
copidesque:
local: Volta Redonda - RJ - Brasil
data: 07/11/2014
duração: 01:15:11
páginas: 27

Entrevista realizada no âmbito dos trabalhos da Comissão Municipal da Memória e da Verdade de Volta Redonda D. Waldyr Calheiros (CMV-VR), criada pela Lei Municipal 4.945/2013, para um mandato de dois anos (2013-2015), e composta pelos membros: Alex Martins Rodrigues (Presidente da OAB/VR, Presidência da Comissão), Vereador Jerônimo Telles (representante da Câmara Municipal de Volta Redonda, Vice-Presidência), Lincoln Botelho da Cunha (representante do governo municipal, Secretário Geral), Mara Lúcia Borella (representante da Diocese de Volta Redonda/Barra do Pirai), Ozanan Carrara/Ana Paula Poll (representantes do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFF/Volta Redonda); pelos membros colaboradores Marcos Aurélio R. Gandra, Marlene Fernandes, Vicente Paulo de Melo; pela assessora Ana Cristina Carreiro Almeida; e pelo pesquisador/relator Edgard D. A. Tonolli Bedê. O desenvolvimento das atividades de degravação contou com o apoio da Fundação de Pesquisa do estado do Rio de Janeiro (Faperj), no período de 2014 a 2016. No período de 2019 a 2020 os trabalhos de degravação e revisão foram realizados por bolsistas, voluntários e pesquisadores do CEMESF com o apoio de emenda parlamentar do ex-deputado federal Wadih Damous.

Palavras-chave: Central Única dos Trabalhadores, Comissão Interna de Prevenção de Acidentes, Companhia Siderúrgica Nacional, Companhia Siderúrgica Paulista, Departamento de Ordem Política e Social, Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A, Fábrica de Estruturas Metálicas, Jornal A Verdade, Movimento Democrático Brasileiro, Movimento pelas Diretas Já, Partido Comunista Brasileiro, Partido Democrático Trabalhista, Partido dos Trabalhadores.

Entrevista: 07/11/2014

Edgard Bedê: *Hoje é dia 07 de novembro de 2014. Estamos aqui no auditório da Ordem dos Advogados do Brasil, numa sessão da Comissão Municipal da Verdade Dom Waldyr Calheiros. Estamos iniciando agora o depoimento do Cerezo. Antes, gostaria de perguntar ao Cerezo se ele concorda que esse depoimento seja gravado, filmado e fotografado, para disponibilizar depois para amplo acesso, na sua memória, a todos que queiram conhecer a história da luta operária de Volta Redonda e também da repressão militar ao movimento. Você concorda?*

Carlos Alexandre Honorato: Sim, claro. Essa é uma ótima oportunidade. Tô de acordo.

EB: *Qual o seu nome completo, Cerezo?*

CAH: Carlos Alexandre Honorato.

EB: *Cerezo, posso te chamar assim!?*

CAH: Claro, é o nome mais popular, conhecido no sindicalismo, digamos.

EB: *Quando você nasceu? Onde você nasceu? O nome dos seus pais?*

CAH: Eu nasci em Barra Mansa, no dia 14 de outubro de 1954... quer dizer, dias depois que a cidade foi emancipada aqui em Volta Redonda, mas praticamente passei toda a vida aqui em Volta Redonda. Alguns lances fora, mas basicamente sou um filho da cidade do aço, digamos assim.

EB: *Qual o nome dos seus pais e do que eles viviam na época que cê nasceu?*

CAH: A minha família... meus pais, minha mãe, vieram de Minas, naquele projeto de construção da CSN¹. Meu pai chamava José Raimundo Honorato, minha mãe Conceição Juliana Soares, era da família do avô.

¹ CSN - Companhia Siderúrgica Nacional

EB: *Seu pai era operário e sua mãe...?*

CAH: Sim, ele foi recrutado para vir trabalhar durante a construção da CSN, na década de... entre 40 e 50.

EB: *E sua mãe?*

CAH: Não, minha mãe era doméstica, dona de casa.

EB: *Você iniciou o seu trabalho, você entrou no mundo do trabalho diretamente na CSN, quando foi isso e como foi?*

CAH: Eh... eu entrei na CSN... primeiro eu trabalhei nas empreiteiras da CSN, na época da construção do auto forno, aquela expansão que teve. Aí, eu era soldador na Montreal, numa empresa, que depois terminou, que chamava Sicol², trabalhou na FEM³, na construção do elevado Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro. Aí, em 77, eu entrei pra FEM, fiquei até 78 na FEM. Depois, vim pra CSN.

EB: *Você trabalhava de que na CSN?*

CAH: Soldador.

EB: *Em que lugar você trabalhava?*

CAH: Eu trabalhava numa extensão geral. Trabalhava em toda a CSN. Então, prestando serviço, minha jornada de trabalho era muito extensa, porque tinha que manter a CSN funcionando. Então, toda a extensão dela, os 4 km, e lá e cá, eu estava presente, porque minha profissão era necessária pra essa manutenção.

EB: *E como você começou a despertar pra questão sindical? Como é que isso surgiu, a consciência de classe, vamos dizer assim... no seu caminho, né, dentro do mundo do trabalho, como é que você se inseriu?*

² Sicol - Serviços, Indústria e Comércio Ltda.

³ FEM - Fábrica de Estruturas Metálicas

CAH: Ok, eh...

EB: *Político-sindical.*

CAH: Eu entrei na CSN em 78, vim da FEM e entrei pra CSN em 78. Quando foi em 1979, teve uma greve dos empreiteiros, que prestavam serviço à CSN, ali na laminação, no Conforto. E foi uma greve muito violenta. Foi uma greve em que aqueles empreiteiros... eu via, eu assistia isso muitas vezes, eles iam pro refeitório, ficava soldado do Exército e da PM⁴ vigiando na hora da refeição. E era uma truculência das mais assustadoras que eu assisti ali, porque foi na CSN que eu conheci o mundo sindical. Naquela época ainda havia censura, então se falava pouco das lutas de classe, mas ali eu vi. Os meus olhos, aquela repressão dos operários. E eu tomei partido daquilo. E foi muito interessante, porque já surge com um debate. Nessa época, eu queria aprender a tocar violão e um tio meu disse: “Olha, então você vai ter que estudar testemunhas de Jeová...”, que é uma religião, “pra eu poder te ensinar”. Aí, eu aceitei. Negocieei com ele e aprendi lá a tocar violão. Então, quando surgiu a greve, eu estava... porque as testemunhas de Jeová é diferente de outras religiões. Você estuda mesmo a Bíblia, o Velho Testamento, o Novo, os capítulos. Então, numa das sessões de estudo, o religioso designado pra passar pra mim a Bíblia, ele falou muito quanto àquela greve e eu tive um debate com ele, mesmo sem conhecer o mundo sindical. Ele dizia: “Não, isso daí é coisa de terrorista, de pessoal que tem ligação com Cuba, com a União Soviética....”. Eu falei: “Não.”. Eu não sabia discutir nada disso, mas eu falei pra ele: “Não, eu vi a situação do pessoal, eles apanhavam da polícia direto. A comida deles era como se fosse uma lavagem”. Então, a situação deles, eu lutaria no lugar deles. E foi todo um debate... eles me excluíram do estudo, quer dizer... mas eu não me arrependi, não fiquei com saudade. Aquela solidariedade, depois eu vim saber que a Igreja prestou de maneira mais extensiva. Outras pessoas de esquerda... inclusive acho que era o Nilo que tava ali na época, o Braitto... eu não conhecia essas pessoas, mas depois eles me contaram que aquela greve também foi um ponto de ligação e solidariedade deles. Então, aquela greve marcou definitivamente a minha consciência como operário, como luta de classe e etc. Bom, e logo a seguir, ainda no ano mesmo de 79, aquela greve influenciou os metalúrgicos, que fizeram uma assembleia de 10 mil no Recreio dos Trabalhadores. Quer dizer, foi uma...

⁴ PM - Polícia Militar

EB: *E o sindicato...?*

CAH: Sindicato completamente dominado pelos militares. Só a repercussão daquela greve ali. E aqueles peões... que eram chamados peões, também não tinham sindicato. E só o impacto deles enfrentarem a polícia, aquela situação de penúria, refletiu no metalúrgico, e nós... eu não era da oposição dessa época, eu fui na assembleia. A oposição fez um panfletinho que é meio papel ofício, 4 ou 5 linhas e apareceram 10 mil na assembleia. Até naquela época foi a maior assembleia de todos os tempos na CSN. Quer dizer, é lógico, já havia as greves do ABC⁵, mas em Volta Redonda a conscientização dos metalúrgicos chegou via greve dos peões da empresa Odebrecht⁶.

EB: *E você começou a participar da oposição sindical em que ano?*

CAH: Eu comecei no final de 81.

EB: *Final de 81...*

CAH: Eh... eu comecei... foi o contato do Albano, que o Juarez fazia um jornal, “A verdade”. E aí, eles se encarregavam de nos setores de trabalho, as pessoas faziam uma listagem pra arrecadar dinheiro do jornal. Eu fiquei como um dos responsáveis, no dia que ele passou lá, falei: “Ah, eu quero contribuir com esse jornal”. Aí, nós tínhamos uma listagem por departamento. Isso, Edgard, é muito importante, porque esse jornal... ele chegou a ter 6 mil contribuintes todo mês. Sem descontar em banco, assim... espontaneamente, cada um tinha...

EB: *Era “A verdade”?*

CAH: É, foi um sucesso que é pouco comentado, mas foi estrondoso, foi muito popular. Então, a oposição... ela nasce arraigada, massificada e porque as pessoas gostavam de ver o que ele denunciava no departamento refletido no jornal. Eu me lembro que uma vez o Juarez chegou pra mim e falou assim: “Ah, escreve aí pro nosso jornal”. E eu falei: “Mas eu não sei escrever politicamente”. Aí, eu até escolhi escrever sobre a expulsão do Padre Vito Miracapillo, que foi expulso pelo regime militar. Aí, eu escrevi uma coluna nesse jornal, foi a primeira vez que eu

⁵ ABC - ABC Paulista - região industrial do estado de São Paulo

⁶ Odebrecht - Construtora Norberto Odebrecht - CNO

escrevi. Mas não porque eu soubesse escrever, mas tô dizendo que o jornal, assim... ia na área e: “Ah, qual o problema que você tem?”. E, aproveitando a queixa de cada um ou o talento de cada um, pra refletir nele. Foi uma pena que o jornal acabou, mas ele é um marco na história de conscientização e denúncia. Politizou muitas pessoas. E por isso, as assembleias dos metalúrgicos nunca deixaram de ser massificadas, nunca. Ela tinha mesmo uma ligação muito estreita com a base. Depois quando a gente veio a fazer os boletins, que iniciou no jornal, né, o Valdemar Lustosa quando distribuía o boletim, todo mundo jogava fora, pegava assim e já... nós passamos a fazer boletim de 2 em 2 dias, depois, boletins diários, e você não via um boletim no chão. E ainda também sobre o jornal... o jornal tinha 12 páginas. É difícil imaginar pra uma cidade ocupada, o trabalhador ficasse paginando da primeira à décima segunda página. E com ideias próximos, a pauta era elaborada ali e era difícil selecionar qual assunto que ia entrar, porque era 12 páginas, custou a ter.... acho que nunca passou mais de 12, sempre ficou 12, mas já era um sucesso estrondoso. Muita gente dizia: “Mas o trabalhador não vai ler isso tudo”. Lia, todinho, do princípio ao fim.

EB: *E você entrou ao mesmo tempo no PT⁷, cê participou do PT, ou só depois que você entrou na oposição sindical que você foi pro PT?*

CAH: Não, eu primeiro entrei na oposição sindical. No PT foi em 82, a Célia que tá presente aí que me convidou. Vamo falar, eu falava: “Não Célia, mas não acho que partido político resolve”, porque os partidos, pra mim era o MDB⁸ e a ARENA⁹. Eram os partidos odiados, ditadura, e tal. Então, ela custou a me convencer, foi mais de umas 4 sessões de conversa. E aí, quando eu fui pro PT, fui apoiando a candidatura do Juarez, que se candidatou na época pra deputado estadual. Então foi... eu acho que as eleições foram naquele ano mesmo. A primeira eleição foi em 82. Aí, eu fui pro PT, participando... Depois que vim a ser direção.

EB: *Houve uma primeira tentativa do Juarez, a oposição foi derrotada. Parece que foi roubo, né, nas urnas...*

CAH: Com certeza foi um roubo, em 81.

⁷ PT - Partido dos Trabalhadores

⁸ MDB - Movimento Democrático Brasileiro

⁹ ARENA - Aliança Renovadora Nacional

EB: *Depois, em 83, houve...*

CAH: Também houve um roubo. (risos) Continuou tendo roubo, porque era descarado... por exemplo, os mesários e fiscais da chapa do pelego era liberado e podiam fazer o que quisesse com a urna. Então, a gente não tinha acesso à urna. A gente sabia que o voto tava lá, mas era difícil vigiar. Então, foi escandalosamente roubado em 81, mas também foi em 82. Mas em 82, a votação foi tão estrondosa...

EB: 83?

CAH: Foi em 83... que eles não tiveram como conter. E aí, ficou ali nas... eleição parece que foi em junho ou julho, a gente só conseguiu tomar posse em setembro. Os 3 meses ficou ali firmando: “Não, o voto é nosso, e tal, tal, tal”.

EB: *Mas o Juarez formou uma chapa, pelo que a gente tá apurando, com pessoas jovens, né. No caso, na época, você que fazia parte dessa juventude operária aí que aderiu ao Juarez... essa chapa tinha o Juarez como a pessoa mais velha e vários jovens...*

CAH: É, digamos assim... 1/3 era da idade do Juarez, na época era em torno de 45, 50 e poucos anos, e 2/3 era entre 20 e 28/29 anos, que era o meu caso na época. Isso se deu por uma divergência na esquerda, porque eles não queriam que o Juarez fosse o presidente. E o Juarez tinha mais popularidade que qualquer um outro, indiscutivelmente. Então assim... não é que nós tivéssemos optado por uma qualidade, por uma investigação política, mas a gente via, fazia o trabalho com o jornal pra lá, pra cá, fazia aqueles elos de ligação, falava muito bem nas assembleias. Então, aí houve a divergência política de que não deveria ser o Juarez o cabeça de chapa. E aí, o Braitto me chamou pra uma reunião, né, foi uma reunião que eu compareci, aonde teve essa decisão... que decidiu que o Juarez seria. Então, teve um racha, nós fomos pra chapa 5, e aí, teve outras chapas... teve chapa liderada pelo Zé Emídio...

EB: *Que é a chapa 4, né?*

CAH: Que é a chapa 4. E aí, as outras chapas eram tudo da direita.

EB: *Mas a chapa de vocês parece que tinha Convergência Socialista, não era isso?*

CAH: Não, não tinha Convergência, porque a Convergência também...

EB: *O Braito era Convergência...*

CAH: O Braito era Convergência, mas ele rompeu com a Convergência pra ficar acompanhando a chapa 5 do Juarez. A Convergência mesmo, ela acompanhou a chapa, digamos assim... a chapa 4. É que depois, teve um... digamos, um segundo turno, aí que houve uma fusão. Que aí provou pela base que o Juarez tinha mais popularidade. Então aí, elementos da chapa 4 vieram. Vieram Conceição, depois veio o Vagner, essa coisa toda.

EB: *Então, nós vamos entrar agora no primeiro grande confronto que teve com o capital, né, que foi a greve de 84. Eu queria que você analisasse essa greve no aspecto da conjuntura nacional, o significado dela e dentro do movimento, especificamente em Volta Redonda.*

CAH: Sim. Bom, do ponto de vista da conjuntura nacional, naquele momento, o Movimento pelas Diretas Já estava muito grande. Então, quer dizer... ficou duas linhas políticas no sindicato, porque uma linha política era mais... digamos assim... orientada pelo PCB¹⁰, que era que a gente deveria ter uma conduta mais moderada, porque a ditadura ainda estava existindo. Havia aquela tese do Golbery, né, de uma transição lenta, gradual e segura, ou seja, pode haver um golpe dentro do golpe e retomar toda uma continuação da ditadura. Nós, que estávamos com o Juarez, da chapa 5, achávamos que não. Achávamos, inclusive, que dado aquele peso, a gente tinha condição de derrubar o resto de ditadura que havia. Então, esse debate foi muito intenso e... por exemplo, nós conseguimos vencer o debate, porque a gente conseguiu organizar a greve de 84. A greve foi decisiva. E aí, o Luiz Guimarães, que é um médico que trabalha hoje aqui no pronto socorro, na época, ele teve uma ideia da gente massificar essa greve indo para os bairros, porque tava com problema da CSN. Então, a gente veio dos bairros dos operários, os operários da CSN, pra dentro da CSN, pra ver... digamos, qual a capacidade de adesão que a ideia da greve estava tendo. Porque setores, que mais tarde, vieram a compor conosco diziam que era um risco, não poderia fazer aquela greve, e tal. Então nós fomos pro bairro. Eu vi o Abel falando aqui no depoimento dele, o primeiro bairro foi associação dos moradores do Volta Grande, que eu era de lá, o Abel também era de lá, então nós aproveitamos o movimento pela

¹⁰ PCB - Partido Comunista Brasileiro

redução das mensalidades das moradias pra colocar a ideia da greve. E as pessoas abraçaram aquela ideia, aquela experiência ali fez a gente estender pra outros bairros. Então nas assembleias que aconteceram na praça Brasil, a gente trazia dos bairros os metalúrgicos, porque lá dentro havia ainda uma... um temor, né, de que poderia tá confortando e nunca tinha acontecido uma greve. Então os bairros foram decisivos pra impulsionar, pra dentro da CSN a ideia da greve. E mais decisivo ainda foi que na época o movimento de mulheres... porque tinha aquela coisa, né: “Ah, eu vou fazer greve, mas minha esposa e meus filhos...”. Então, quando as mulheres vieram para as assembleias apoiar a ideia da greve, aí era inevitável que ela chegasse de dentro da empresa. Aí, os testes que nós fizemos dentro da empresa, que foi movimento dos trabalhadores que conduziu as pontes volantes. Depois, o movimento que nós fizemos de ir na COSIPA¹¹ ver as faixas salariais deles para buscar uma comparação conosco, então nós fizemos um movimento, tipo assim... quanto ganha o mecânico, o soldador, caldeireiro, o funcionário comum, ou seja, por funções...

EB: *Na COSIPA?*

CAH: COSIPA *versus* CSN. E lá, na COSIPA, era muito alto. Então, isso aí foi animando, conjugado com o movimento de bairro. Fizemos um teste de boicote à refeição, que era horrível. Funcionou maravilhosamente bem. Então, foi massificando entre bairro, empresa, bairro, empresa, de uma maneira que, digamos assim... selou a forma de mobilização da CSN.

EB: *Então, quando a greve aconteceu, foi natural que houvesse o apoio das comunidades... a Igreja também passou a apoiar...?*

CAH: A Igreja também passou a apoiar, as comunidades passaram a discutir, depois, o movimento negro... enfim, os movimentos sociais ao redor dos metalúrgicos, eles passaram a participar de uma maneira muito integrada. Por exemplo, se os estudantes na época fossem no sindicato, o que que nós dizíamos para os estudantes e para os bairros: “Você tá insatisfeito com o movimento estudantil ou o passe, e tal, vai lá...”, a gente fornecia boletim, sala pras reuniões, carro, toda logística necessária. O mesmo com associações de moradores. Eu acho que naquela época registrou a maior mudança das lideranças das associações de moradores de todos os tempos de Volta Redonda, porque era frequente as pessoas irem lá, porque tinham

¹¹ COSIPA - Companhia Siderúrgica Paulista

aqueles presidentes das associações de moradores que não queriam se misturar ao sindicato ou a greve, né, a ideia de construção da greve ou as demandas do bairro. Então, os trabalhadores lá juntavam entre si: “Ó, nós vamos fazer uma chapa”, concorriam e ganhavam. Ainda não tem assim... um registro estatístico, mas pelo que a gente pôde perceber ali e que a gente era chamado para ir nos bairros, eu acho que nunca houve uma mobilização tão intensa e o sindicato apoiava mesmo, ostensivamente. Carro de som, programa de rádio, boletim, jornal, saía na coluna, falava no palanque: “Vamo chamar aqui o orador fulano de tal”, aí chamava também as associações de moradores pra falar. Foi de fato um movimento massivo, massivo.

EB: *O sindicato, além da relação capital versus trabalho específica... ele atua como um dínamo dos movimentos sociais...*

CAH: Com certeza...

EB: *A referência e um incentivador dos...*

CAH: Exatamente. Foi uma autoridade que... inclusive depois refletiu na eleição do Juarez, né. Foi candidato a deputado federal muito bem votado, prefeito muito bem votado.

EB: *No caso da final da greve de 84, você tem algum... importante em relação à greve?*

CAH: Então, a greve venceu aquela etapa de que os trabalhadores de Volta Redonda não fariam greve porque CSN era uma mãe e nunca tinha tido greve. Então, a resposta da massificação foi contundente. Aí depois passou a ter um outro debate, que a greve deveria se limitar, porque havia uma discussão que poderia ter um golpe militar.

EB: *Intervenção, né?*

CAH: Intervenção militar. Isso ficou muito forte no terceiro dia dos 5 que duraram a greve. No terceiro dia esse debate veio muito forte. O Campanário disse que tinha fontes seguras. Eles tinham... o PCB tinha gente, inclusive entre os militares, que poderia haver um golpe iniciado por Volta Redonda. Bom, isso deu um debate muito intenso e refletiu nas reuniões do comando de greve, refletiu nas assembleias e até na penúltima assembleia, nós que queríamos continuar com a greve, né, porque esses dias eu peguei no habeas data, os discursos dos oradores, entre

os quais os meus, nós dizíamos claramente: “Gente, a ditadura não passará, Volta Redonda está com a chave”. Então, quer dizer, esse discurso foi... digamos, comprado pelos metalúrgicos e os metalúrgicos, então, abraçaram isso. Até na véspera da greve, do quinto dia, do quarto dia, a gente conseguiu ganhar as assembleias. Mas aí, já no quinto, não conseguimos mais. Parece que baixou um temor geral, de que poderia de fato haver... acontecer a continuação do golpe militar.

EB: *E até questão de intervenção do sindicato, né, foi colocada?*

CAH: Intervenção do sindicato. E que havia precedentes, né, em São Paulo, havia o Ministério do Trabalho intervindo em vários sindicatos. Então, tipo assim... não era de todo fantasiosa, era uma questão de correlação de força, que os militares estavam no poder e, de fato, poderiam voltar. Então assim... era mais fácil pra eles afirmar que poderia haver do que nós dizer que não poderia. Mas a gente, aquele movimento foi um batismo de fogo pra gente, que dava impulso muito forte, que a gente acreditava que os militares não conseguiriam voltar, né.

EB: *E do final dessa greve então, se resultou um racha dentro da diretoria do sindicato. Foi isso?*

CAH: Resultou um racha.

EB: *Vocês formavam uma oposição ao Juarez dentro da própria diretoria?*

CAH: Dentro da própria diretoria, porque...

EB: *Como é que você analisa isso?*

CAH: Bom, vamo analisar um pouco o Juarez. O Juarez até a greve de 84, ele tinha uma ideia entre a ala radical do MDB e uma ala radical do PDT¹², e também uma ala radical do PT. Mas quando chegou mais ou menos... quando a greve se instaura, ali pro meio da greve, ele passou a adotar uma visão do PCB. Uma visão que ele levou basicamente até o fim, que foi a ideia de que não podia levar o confronto num limite tal que provocasse a continuação do golpe e que

¹² PDT - Partido Democrático Trabalhista

aquele movimento deveria garantir a volta da democracia. Então assim... as exigências deveria... eleições de prefeito pra capital, pra governador, né, financiamento... enfim, era um debate claramente de radicalizar a democracia nos limites que não provocasse os militares, né. E a crítica que passou a ter é que o ABC exagerava esses limites, porque se nós voltarmos no tempo, a gente vai ver que nas greves do ABC de 80, 81, 82, eles intervieram no sindicato, né, a direção toda foi presa. Então, essa ala que o Juarez passou a adotar pensou: “Ah, lá vai acontecer conosco igual tá acontecendo lá”. Então, ficou aqueles dois sindicalismos se confrontando e refletiu nessa greve de 84. Ao findar a greve, essa ala que venceu no sindicato queria se livrar de nós de qualquer maneira, porque a gente representava o perigo da intervenção militar, uma radicalidade que poderia quebrar o ciclo de retorno mais lento, digamos assim... mais assimilável para a democracia. Então, isso marcou e aí no primeiro momento, essa ala que tentou nos devolver para a CSN, porque nós éramos diretores liberados, nós fizemos uma campanha muito intensa na massa, com abaixo-assinado, muitas assembleias locais e conseguimos impedir isso. Que seria assim... seria um retorno pra base e uma assembleia tal pra caçar a gente como filiado do sindicato. Então, nós conseguimos impedir isso com a mobilização. E na época nós tomamos uma decisão de trabalhar... fazer uma comissão de fábrica, que até então, nós éramos diretores do sindicato. Mas nós não tínhamos uma comissão de fábrica como tinha no ABC. Então, nós decidimos o seguinte: a maneira pela qual a gente vai preservar o emprego, entre aspas, e organizar os trabalhadores vai ser indo pras CIPAS¹³, e delas transformar numa comissão de fábrica. Isso foi um fato, aconteceu.

EB: *E quem eram essas pessoas?*

CAH: Eu, Nilson, Maurício... era o Abel, o Renatinho, entrou depois numa etapa posterior, mas os principais eram essas pessoas. Então, nós conseguimos. Nós fomos os mais votados pela CIPA, né, inclusive, derrotamos a chapa da outra ala do sindicato, da própria CSN. Eu fui eleito o vice-presidente da CIPA, que é o cargo mais alto que eles permitem aos trabalhadores. Todas as vezes fui o mais votado da CSN, eu nunca perdi uma eleição da CIPA e, tipo assim... a diferença era enorme, tipo assim... o departamento tinha 2.000 e eu tinha 1.800 votos. Então, era coisa que não dava como ser cassado, não é? E aí, isso deu certo, porque essa comissão, a CIPA se tornou muito combativa e aí nós fizemos uma fusão entre a CIPA da CSN e da FEM e conseguimos conquistar a comissão de fábrica. Só que chegou um dado momento, ela se

¹³ CIPA - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes

esbarrou na legalidade, no estatuto, e aí, foi exigido que o sindicato, a direção do sindicato, atuasse nessa institucionalização da comissão. Aí causou um certo desânimo da base. Um desinteresse por achar que ela ficaria enquadrada na lei... eu acho que foi um vacilo nosso, nós deveríamos ter prosseguido não apenas atuando na CIPA, mas também aquele embrião que não nasceria tão perfeito da comissão de fábrica, ele teria garantido essa má explicação pra problemas que nós tivemos posterior e não conseguimos superar, né.

EB: *Cerezo, as outras greves que ocorreram depois de 84, uma greve de 86, uma outra em 87, inclusive, em 87 uma greve geral, né?*

CAH: Isso.

EB: *Todas elas ficaram marcadas justamente pra que o que era um fantasma em 84, virou uma realidade, que é a intervenção militar na greve... invasão militar na CSN. Então, como é que você analisa, você relataria esses fatos e analisaria isso, a intervenção militar.*

CAH: Olha, a intervenção militar... bem, eu acho que a vitória da ala radical dos metalúrgicos, de ter conseguido massificar o sindicato, de fato, levou pra pauta da ala da linha dura dos militares a possibilidade de fazer em Volta Redonda... eu vou um pouco adiantar e depois retroceder, por exemplo, em 92, eu estava na Argentina e o Delfim Neto deu uma palestra na Argentina. Então ele dizia que Volta Redonda só conseguiria privatizar se despriva- digamos assim... ele dizia: “Volta Redonda, a cabeça de todos os trabalhadores é CSN, nós não vamos conseguir privatizar lá, se não modificar toda essa mentalidade. E lá, todo mundo defende aquela empresa, todo mundo defende aquele sindicato”. Então, agora retornando lá, então eu acho que essa vitória nossa de massificar, colocar os trabalhadores do bairro, do movimento estudantil, tudo em torno de qualquer mobilização que a gente fazia, as pessoas vinham: “Olha, estamos apoiando incondicionalmente vocês”, levou pra linha dura dos militares uma possibilidade de fazer qualquer coisa contra a CSN. E interessante, porque na primeira greve de 84 não veio a intervenção militar, a greve acabou evidentemente, mas tiveram 6 outras intervenções militares a partir de 86, ou seja, quanto mais o país avançava pra assimilar a volta das diretas, mais os militares decidiram, nós não sabemos qual o teor total, de que eles deveriam intervir ali. Então, foram 6 intervenções, 6. Eu me lembro que o nosso grupo decidiu na quarta intervenção que nós não iríamos mais tolerar aquele tipo de intervenção. Então, nós tomamos a decisão de inclusive fazer treinamento militar pra enfrentar o exército. E nós listamos alguns

companheiros nossos... que na época foram treinar no exterior para esse enfrentamento. Nós fizemos assim... uma remessa de uma base, depois outra base, pra despistar toda a vigilância dos militares, né. E essa decisão fez com que nós preparássemos a massa: “Ó, da próxima vez que o exército vim, nós não vamos mais abandonar a CSN. Nós vamos arrumar um jeito de enfrentar isso”. E aí, estudava as várias possibilidades: enfrentar na rua, enfrentar de dentro da fábrica... decidimos que a melhor forma de enfrentar seria dentro da fábrica, porque uma CSN, pra quem não conhece, é um complexo siderúrgico. Ela dispõe de muitas armas: gases, vapores, situações arquitetônicas que te permite esconder, atacar... então, nós fizemos isso. Em 87 o exército veio, nós tivemos...

EB: *Greve geral, né.*

CAH: Na greve geral de 87... talvez, nós fomos uns dos poucos setores da CUT¹⁴ que fez aquela greve de 87, e nós tivemos um enfrentamento com o exército perto do gasômetro, porque eles queriam colocar a gente pra fora. Ali já teve um princípio de enfrentamento e conseguiram, mas pela primeira vez, das outras anteriores a massa foi pra cima do exército. O tenente que comandava... eles mandaram um tenente, ele chegou a sacar do revólver lá perto do gasômetro, mas ele não teve coragem de atirar. E quando ele pediu que os soldados deles atirassem, os soldados vacilaram. Depois nós ficamos sabendo que tava com bala de borracha e só ele tava com a bala letal, pra matar. Mas ele próprio vacilou. Eu me lembro que eu tava perto do Juarez, aí quando ele veio, o tenente veio e falou: “Ó, vou dar ordem de prisão, vocês não podem ficar aqui, e tal. Aí eu peguei e falei pro tenente, falei: “Tenente, você sabe com quem você está falando?”, “Não, com quem?”. Falei: “Ele é deputado federal constituinte”. Eu tava perto do Juarez: “Então você respeita, você é um militar e vocês estão fora, nós estamos dentro da greve, a greve tá sendo discutida, e tal, tal, tal... Aí, ele falou assim: “Isso pra nós não tem importância”. Aí o Juarez enfiou a mão na carteira. (risos) Aí eu falei: “Juarez, mostra pra ele que você é deputado de fato, pra ver que não é....”. Aí o Juarez enfiou a mão na carteira e mostrou pra ele a carteira de deputado. Ele deu um soco na mão do Juarez e jogou a carteira no chão. Quando ele fez isso, a massa pulou por cima do exército. Pegaram aquelas... a linha do trem tem muitas pedras que ficam perto do... então, a massa pegou aquilo e começou a tacar no exército. Aí ele pediu os caras pra atirar e os caras não atiravam. Ele próprio não atirou. Então, ficou aquele corre, taca pedra, corre, taca pedra, corre, taca pedra, mas aí um conjunto de nós

¹⁴ CUT - Central Única dos Trabalhadores

destacou pra correr pro auto forno, porque se ele comesse a atirar, a gente ia usar o vapor, os gases contra eles. Finalmente não foi, aí ficou aquele: “Vamo parar? Vamo continuar?”. Aquilo ficou... isso aconteceu ali por volta de 13 horas. Aí, lá pras 19 horas, como a greve era daquele dia, prevaleceu a ideia de: “Não, já demos um recado, já tá bom, e tal”. Quando acabou esse movimento, o exército tinha foto de todos nós. Então, ele demitiu todos nós, os cabeças, entre os quais eu. Aí, descobriram que a CIPA tava atuando como uma comissão de fábrica de verdade, porque o Juarez falou assim: “Gente, mas só nós vamos fazer essa greve?”, “Vamos!”. Basicamente foi a base que garantiu, que pulou lá pra dentro e foi. Então o exército foi e listou. E era... ele disse que ainda tinha mais, eram 600 essa base, mas ele listou como 54. Aí tava eu, o Maurício, gente também... os ativistas do sindicato, Bartolomeu... foram 54 demitidos. Os cabeças, os que mais apareciam, porque aí o escritório central da empresa começavam a chamar: “Ó, esse tal aqui desafiou o exército, tacou pedra e passava a gente tacando pedra (inaudível). Então, vocês vão ser demitidos e não tem estabilidade, isso aí eh... tá atentando contra um poder da nação”, toda aquela conversa, né. Então, nós fomos demitidos e fundamos um comitê dos demitidos. Foi esse comitê dos demitidos que impulsionou a greve de 88, aonde eles vieram com tudo... quer dizer, esse comitê se estabeleceu, tinha reuniões semanais, tinha contato com a massa, arrecadação de dinheiro, porque naquele momento a assembleia constituinte tava discutindo as leis trabalhistas, direitos sociais e uma das sugestões era que nós pedíssemos anistia ampla e irrestrita para os trabalhadores demitidos por greve. Então, teve um problema com o sindicato, que ele não queria contribuir financeiramente. Nós fazíamos banquinha nos portões da CSN, porque a gente não podia entrar na CSN mais. Então, os trabalhadores iam lá, contribuía. Sempre deu pra gente ir a Brasília, voltar, juntar com os outros trabalhadores e foi uma coisa assim, que continuou a massificação e a ligação com a base. Quando chegou as eleições...

EB: *Na Constituinte vocês conseguiram vitória?*

CAH: Conseguimos. E quando chegou, por exemplo, na base, né, a gente fazia isso, e aí a CSN aproveitou a nossa ausência pra colocar outros cipistas. Aqueles que... “Não, assim o pessoal pra cuidar da saúde do trabalhador não pode se envolver com as lutas”. E nós, lá de fora, pedimos aos trabalhadores: “Vote em todos os trabalhadores que foram demitidos.” Então, você via em cada sessão na urna e toda a CSN, só os cipistas demitidos que eram eleitos. Quer dizer, foi uma desmoralização pra empresa... e aí... depois o Campanário, nós tivemos uma discussão. Ele entrou... que a gente passou a ter legitimidade de mesmo estando fora, ser eleito. E alguns

juízes aceitavam, outros não. Então, foi uma derrota também, porque lá de fora a gente conseguiu influenciar. Isso do ponto de vista da mobilização da CSN. Em Brasília, dos 550 e poucos deputados, nós conseguimos 400 votos aprovando a anistia dos demitidos, ou seja, a maioria absoluta do Congresso Constituinte, que é o congresso especial e tem poder legislativo mais do que o congresso ordinário, né.

EB: *E quando a Constituição foi publicada, Cerezo, duas reivindicações tavam muito próximas da CSN. Uma era essa, que foi passada, que foi a readmissão dos demitidos de greves nas estatais e o turno de 6 horas. Então, logo após a Constituição ser aprovada, aqui se mobilizou, começou a discutir a aplicação dessa decisão da Constituição sobre os demitidos e sobre o turno...*

CAH: Sim, na verdade já antes, né, porque a gente informava os trabalhadores: “Olha, o placar da volta dos demitidos, do turno das 6 horas estava da seguinte forma...”. E sobre a volta dos demitidos não, mas sobre o turno de 6 horas o Juarez dava informações também constante sobre o turno de 6 horas, multa do FGTS¹⁵, do sindicato dos funcionários públicos poderem se constituir, pois antes eles eram ilegais. Essas bandeiras sociais, de modo geral, ele dava informação com muita frequência. Ele vinha e informava. Mas as duas reivindicações principais ficaram sendo o turno de 6 horas e a readmissão dos demitidos.

EB: *Então a gente entra agora na greve de 88. Nessa greve houve uma reivindicação... quer dizer, um rol de reivindicações salariais, inclusive essas duas reivindicações ligadas a direito constitucional.*

CAH: Correto.

EB: *Houve uma adesão dos operários à proposta de greve, de se chegar à greve pra conquistar essas reivindicações, essa é a primeira pergunta. A segunda, se vocês na época avaliaram... vocês sabiam que haveria intervenção militar, mas que ela seria tão violenta como foi? Vocês tinham essa ideia?*

¹⁵ FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

CAH: Nós, os cipistas demitidos, tínhamos, mas o pessoal que era ligado ao Juarez não, porque acreditava-se que num processo constituinte, né. O Juarez, um dos deputados constituintes mais votados, presidente do sindicato, deputado constituinte... ou seja, e a reivindicação sendo constitucional e ainda constituinte... do ponto de vista legal, tava completamente protegida, ou seja, não havia nada de uma reivindicação que extrapolava a pauta que estava sendo discutida no país, né. Então, não tinha porquê... do ponto de vista deles, dos que lutavam pela democracia, e a coisa toda... eles não acreditavam que poderia haver uma intervenção militar. E parece, a gente não sabe com exatidão, entre a própria cúpula do governo, foi difícil decidir que teria que vir naquele momento, porque quando eles decidiram pela intervenção militar, as assembleias tavam transcorrendo de uma maneira normal... por exemplo, olha, nós apresentamos... por exemplo, a Constituição foi promulgada no dia 5 de outubro de 88, dias antes, a gente tinha apresentado a pauta à CSN já considerando aquelas vitórias. A CSN dizia: “Não, isso aí, mesmo que foi aprovado na comissão, vai ter que ser referendado no fechamento da constituinte e poderá ser que isso daí vá para leis que vão regulamentar o direito”. Então nos enrolou com isso, recusou a pauta. Mas isso significa que os metalúrgicos já estavam reivindicando, dando como certo aquelas conquistas, inclusive a nossa volta. A CSN foi rejeitando, rejeitando... e na medida que a massa sabia que isso já era uma lei, a radicalização foi aumentando. Então você tinha uma reunião de 50, de repente, ela pulava pra 500, de uma assembleia de 5 mil, de repente, ela pulava pra 10 mil, e foi o que ocorreu naquele dia 7, na assembleia que a CSN deu o parecer de que não ia discutir a pauta, só depois que as leis fossem regulamentadas, que foi um absurdo. Então, nós decidimos o seguinte: “Nós vamos entrar, no dia 7, nós vamos entrar”, ou seja, que já tinha passado um mês da promulgação da Constituição. Então, nós vamos entrar pra dentro da CSN, decidimos ali na hora, e vamos ficar lá até ela atender a pauta. Quando a gente...

EB: *E houve adesão?*

CAH: Na hora, na hora. Me parece, se não me falha a memória, tinha em torno de 5 a 7 mil nessa assembleia. Aí ficou aquilo: “O que nós vamos fazer?”, “Vamo entrar pra dentro da CSN e ocupar a CSN”. Aí, a CSN... o governador era o Moreira Franco na época... eu acho, manda a PM, que a gente decidiu lá embaixo. Então, eles mandam a PM fechar a porta da empresa pra que aquela massa de trabalhadores não entrasse pra lá e fizesse a ocupação. Eu assisti ali uma cena que eu nunca assisti nunca mais na minha vida, porque a CSN atravessou uma carreta, dessas de carregar tratores enormes, a polícia veio... a PM, não foi o exército não, a PM, e a CSN atravessou a carreta como obstáculo pra você fazer uma anti-barricada, né...

EB: *Carro de som também com mensagem...*

CAH: Então, os trabalhadores pegaram a carreta com as mãos. A carreta tava no sentido horizontal, atravessando ali, de uma margem a outra da passagem superior... eles pegaram a carreta e fizeram assim... de forma que pusesse... com a mão. Não tinha guindaste, não tinha nada, ninguém arrastou. Juntou 500, tipo assim... 3.000 do lado de cá, 3.000 de lá e fez assim... com a carreta. Aí, começaram a entrar pela lateral, o guarda da CSN que fica nos portões vieram tudo correndo, mas era impossível conter aquela turma e foram direto pra som. Isso era mais ou menos entre 16 e... 5 e meia da tarde... Aí, os trabalhadores que foram saindo, já foi ficando por ali, né. Foi quando eles decidiram... ou seja, e no curso disso os PMs que tentaram impedir os trabalhadores de virar a carreta, eles apanharam, porque os trabalhadores subiram assim... pegaram galhos de árvores que tinha ali e começaram a tacar na PM. Um PM puxou o revólver, tomamos o revólver dele. Então assim... foi uma derrota militar de todos os sentidos, da PM que tava ali. Foi por isso que eles chamaram o exército à noite pra vir, porque a PM já tava desmoralizada, aí depois o Moreira Franco fez uma nota que houve um mal entendido, tentando despistar... então, o exército veio a partir...

EB: *Aí veio tropa de Barra Mansa?*

CAH: Tropa de Barra Mansa. Eh... porque era a tropa que tava perto, né. E aí...

EB: *22º BIMTz?*

CAH: É, veio pra... digamos assim... eu tô dizendo isso também pra dizer que não era uma decisão que naquele momento o militar deveria vir, tanto que veio a PM. Ou seja, o militar veio porque a situação ficou descontrolada. E quando nós batemos o pé que... “Nós não vamos sair, enquanto não retornar os demitidos, aplicar o turno de 6 horas e outras vantagens menores”, eles viram o seguinte... “Ó, agora cê tem que usar a força total”. Foi quando o exército de Barra Mansa veio, e aí o Coronel do ponto de vista militar... eu esqueci o nome dele, fez uma coisa que é inadmissível pra militar: ele vai pra televisão e começa a chorar, literalmente, dizendo que como que ele poderia comandar um confronto com os trabalhadores que tinham parentes ali no 22º BIMTz e eram irmãos da cidade... como é que poderia ser feito aquilo? Então o comando leste imediatamente tirou ele, deve ter dado punição, né, como é que um militar vai

falar isso na hora do confronto? Tirou ele, aí veio tropa de Petrópolis, de Juiz de Fora, tropas que não tinham ligação parentesco.

EB: *Isso é no dia 9 de novembro?*

CAH: É, exatamente.

EB: *Aí quando essa tropa chegou, vocês tavam lá, vocês avaliaram que a coisa tava mudando, a situação...*

CAH: Aí avaliamos que teria um confronto. E aí foi cada um... porque já havia discussão se as tropas iam, a gente ocupa a aciaria, ocupa o auto forno. Eh... tinha gente que achava que tinha que ficar concentrado no pátio da som, né. Mas que era assim, uma mobilização popular visível, a gente achava que não, tinha que tomar posição, porque poderia haver confronto mesmo com os mi-... porque eles viriam o seguinte... com a missão de nos tirar. Então não adiantava você ter 3, 4 mil pessoas num pátio, porque eles fazem... nesses casos funciona muito, eles fazem uma operação ferradura, que faz uma meia circunferência, apoiada com tanques, arma pesada, artilharia, não tem como você resistir. Você fica completamente indefeso num pátio enorme, que é o pátio da som, eles já tinham aquilo tudo geograficamente delimitado, então ia colocar pra fora. Nós falamos: “Não vai adiantar. A única salvação que a gente tem é entrar pra dentro dos setores”, que já era uma discussão já de 3, 4 anos atrás, né, pra poder resistir a essa ofensiva deles.

EB: *E no caso, a gente escutava o barulho do pessoal batendo. Batidas sincronizadas dos operários e a gente sentia que existia uma vontade muita... né...*

CAH: Muita vontade, muita vontade, tanto que foram... eu escrevi um artigo há pouco tempo que eu acho que aquela greve, ela foi decisiva pra derrubar o resto da ditadura, porque foi um confronto operário com muita disposição. Foram 17 dias, ora, eles mandaram os melhores das tropas. Tinha entre 2 a 3 mil soldados. Ele mandaram... o Isaque falou bem hoje, mandaram atirador profissional, que sabe matar, que sabe atirar na pessoa certa e escolheram aquelas pessoas que não tinham nenhum problema de matar. Eles vieram com tudo pra enfrentar e, mesmo assim, a gente resistiu 17 dias. Naqueles 17 dias, que foi o controle operário da produção, não entrava, não saía ninguém da CSN e a cidade toda ficou naquela expectativa. O

juiz aqui de direito, o Dr. (inaudível) saiu da cidade, que alegou que ele não tinha clima de ficar na cidade. O comércio ficou todo atento do que poderia acontecer. Então, o exército... todo dia tinha um ultimado: “Desocupe, desocupe.”. Todo dia, todo dia. E não conseguiu durante 17 dias. O Juarez teve que fazer um acordo com a ala, que depois também o pessoal ficou cansado de ficar ali... e era muita alegar “Gente, a nossa pauta basicamente foi atendida.”. “Ah, mas e os 3 companheiros que morreram?”, “Não, tudo bem, mas foi um custo.”, enfim, o Juarez explicava isso. A pauta foi toda atendida, evidentemente com alguns penduricalhos juridicamente frágeis, porque... por exemplo, os nomes dos atingidos iriam pra lá e aí a comissão ia delimitar, infelizmente alguns companheiros nossos ficaram fora. Então, teve muita fragilidade, mas a pauta no geral, no geral, do turno foi estabelecido uma jornada, o turno, “Ó não dá pra ser imediato, nós precisamos de 6 meses, porque vai fichar mais pessoas.”. Isso também foi outra vitória importante, a CSN teve que admitir mais quase 3 mil trabalhadores, ou seja, além de manter o quadro nosso, que era em torno de 31 a 33 mil, considerando os trabalhadores da FEM, nós geramos com aquela luta cerca de 3 mil empregos qualificados. E são pessoas que foram treinadas. Foram pessoas que foram treinadas pra exercer, já ia pra escola técnica... ela teve que fazer aquilo na marra, a CSN iria fazer aquilo, né, talvez... o companheiro metalúrgico também tá ali... ela ia levar anos, pra esperar... fez tudo em toque de caixa.

EB: *Mas mesmo atendendo, parece que a massa exigiu que o exército saísse antes...*

CAH: Exigiu e conseguiu. Então, aí depois finalmente... havia assembleia no início diária, depois o Juarez viu que tava difícil, porque o Juarez pedia pra desocupar desde o 1º dia até o 17º. Então, lá pro 15º é que o pessoal falou: “É gente, vamo pensar bem, e tal.”. Aí começou aquele murmurinho que “Vamos desocupar.”. Aí surge como condição para a desocupação que o exército saísse primeiro, ou seja, a turma não aceitava de sair e o exército ficar lá dentro. Quer dizer, foi uma imposição da categoria, porque havia um ódio muito grande da perda dos nossos 3 colegas. E aí o exército teve que acatar. E quando o exército saiu, foi aquele coro, né, a cidade toda: “Fora assassino.”, foi aquele coro imenso de hostilização a eles, que eu me lembro que o Zé Luiz Lopes, numa nota interna, pediu aos soldados que resistissem, poderia haver alguém que ia jogar tomate, que de fato houve, mas também foi uma vitória, porque o exército... eu acho que na história do exército, no confronto, eu tive lendo sobre Caxias e a pacificação que ele fez no país, mas uma exigência assim... do exército... que ali foi o comando leste, a parte nobre do exército brasileiro. Quer dizer, foi o exército aqui que comanda o sudeste, onde tão as

tropas mais treinadas, mais poderosas teve que acatar a ordem dos trabalhadores: “Vocês saem, depois nós saímos e deixando a pauta cumprida.”. Foi uma vitória.

EB: *E vocês... depois dessa vitória, e tem também a eleição, repercussão internacional, repercussão nacional dessa greve. Uma greve histórica também e não só pra Volta Redonda, mas nacionalmente, não é isso?*

CAH: É, internacionalmente até. Chegava muitos telegramas de fora... todas as principais centrais do mundo se pronunciaram.

EB: *É, apesar de você não tá ligado diretamente ao governo do Juarez, ele ganhou a eleição pra prefeito, ele governou de 1º de janeiro a 21 de fevereiro. Aí ele morreu no acidente. Vocês avaliaram... você e o grupo que você fazia parte, avaliaram a morte do Juarez e qual a conclusão que vocês chegaram sobre... que é um ponto de investigação da nossa comissão?*

CAH: Eu não sei se você sabe, mas eu participo em Brasília numa comissão que concede anistia, então, você tem contato com os militares, com diversos perseguidos e alguns militares lá me disseram o seguinte: existia um código 12 entre os militares da ditadura, que é assim... as mortes praticadas pelo exército, pelas forças armadas, que pareciam acidentais, entendeu?

EB: *Código 12?*

CAH: Código 12.

EB: *Quer tomar uma água, Cerezo?*

CAH: Vou. Acho que a garganta secou...

EB: *Código 12.*

CAH: Então, esse código é aplicado assim: você tá passando na rua, de repente uma marquise cai em cima de você, você tá passando num beco, um cara da moto incidentalmente esbarra em você. Por exemplo, um caso típico, é o caso da Zuzu Angel, né, ela tava na avenida Niemayer, no Rio, transitando, uma avenida bela daquelas, de repente, alguém passa com o carro, forçou

ela a fazer uma manobra, ela cai lá embaixo no penhasco, desapareceu. Eu... diferentemente do Isaque, eu acho que o Juarez foi assassinado nesse caso do código 12. Bem pensado, bem planejado, porque o exército não engoliu essa derrota de Volta Redonda. Foi desmoralizante pro exército numa nação igual o país, ter de desocupar uma empresa por exigência de operários desarmados, comparado com o exército, né.

EB: *(inaudível)* do Dom Waldyr. Você tá colocando que o resultado da greve de 88 refletiu na morte do Juarez?

CAH: Com certeza, porque impôs pro movimento operário que não deveria mais submeter às ordens militares e teve greve muito importante, por exemplo, do arsenal da marinha, teve da EMBRAER¹⁶, todos tiveram enfrentamento militar. Eu ajudei nesse processo de anistia, por exemplo, pra você ter uma ideia, no arsenal da marinha tem uma lei militar, que diz que um militar armado, ele consegue conter uma multidão tal. É uma regra militar, você manda mil homens contra 10 mil grevistas, por exemplo. No arsenal da marinha, eles colocaram um fuzileiro naval, um pra tomar conta de cada operário. Ou seja, quebraram a regra da proporcionalidade. Um fuzileiro naval é mais bem treinado do que um soldado comum. E nós... eu era diretor da CUT na época, nós organizamos essa greve, todo mundo entrou encapuzado e nós conseguimos derrotar. Depois, teve uma ordem de Brasília demitindo todos os grevistas, todos, todos, todos. Agora que nós conseguimos a anistia, mas mesmo assim os trabalhadores enfrentaram. Na aeronáutica, lá na EMBRAER, a mesma coisa. Então, Volta Redonda quebrou o ciclo, nós não vamos ficar com medo, nós vamos pra frente. A experiência que o exército tinha anterior é da guerrilha do Araguaia, que eles acabaram com todo mundo. Então, eles ficaram, assim... insatisfeitos e tinha que ter uma quebra e essa quebra, pra mim, ela se deu, do ponto de vista simbólico, a destruição do memorial...

EB: *Que foi logo depois...*

CAH: Foi logo sequencial. Inclusive, o atentado do auto forno, que eu acho... eles ameaçaram destruir o auto forno pra colocar a culpa em nós. Eu era cipista na época, entrei à força, porque eles não queriam que eu entrasse. Naturalmente pelo meu cargo, era designado a investigar, porque eu trabalho na comissão de saúde. Teve um acidente, eu quero saber quantos operários

¹⁶ EMBRAER - Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A

morreram. Ah, já veio uma ordem de Brasília que da CIPA, ninguém pode entrar... Então, foi um sequencial, aquela explosão do memorial, a morte do Juarez, a morte do soldado que tava perto do memorial: soldado Charles. Então eu acho que ali, no caso do Juarez, foi uma aplicação do código 12. Teria que ter mais elementos investigativos pra... eu até falei pra esses companheiros de Brasília, militares, se eles poderiam fazer descrições diversificadas de como operou esse código 12 pra gente cobrar, cobrar agora do regime uma reparação, né, das chamadas mortes... aparentemente não tinha... aí a gente descobre de repente. Um lá me contou, por exemplo, que no caso do João Goulart, nessa comissão que eu participo, participa o filho do deputado, do João Goulart, então, ele tava me dizendo que um médico veio dos Estados Unidos, entre os comprimidos que o João Goulart tomava, eles conseguiram entrar... num frasco que eram 30 comprimidos colocar um comprimido que saberia no dia seguinte, um dia aquele comprimido seria consumido, né. Depois, o médico que participou quimicamente dessa mistura, ele cai de um prédio do 4º andar, quebra o pescoço e morre. Então, essas coisas, por exemplo, o Fleury tava pescando num barco em São Paulo, de repente escorregou, afogou, morreu, aquela queima de arquivo, porque ele participou da operação bandeirante, que teve muitos assassinatos, muitas coisas sujas. Então, essa página do código 12 nós temos que investigar, porque nós temos... eu tenho quase certeza, que nós temos uma vítima, uma pelo menos, que é o Juarez, porque eles não engoliram. Isso aqui foi uma derrota, um dia a história haverá de fazer justiça, foi uma derrota pras forças golpistas, que foi terrível, tá atravessado aqui neles.

EB: *E a explosão foi um movimento mais evidente. E aí, já é mais explícito...*

CAH: Evidente, inclusive, do ponto de vista psicológico, porque eu tô com tanta raiva, que eu vou comer caco de vidro, vou quebrar o concreto, vou quebrar uma cadeira. Já que eu não posso pegar as pessoas que eu quero, eu vou devastar na minha frente aquilo que tá ao meu alcance e eu posso dominar de fato. Inclusive, pode-se fazer, considerando que a leitura desses militares golpistas não devem ser um ser humano normal, que deve ter problema, então, até nisso teve esse significado, né. As pessoas poderem interpretar assim... que: “Pô, destruiu o memorial, que isso?”, e com a perfeição, né, foi uma bomba que explodiu ali na base e jogou tudo aquilo no chão.

EB: *Cerezo, vocês tiveram conhecimento que havia um plano, parece que de alguma maneira vazou um documento de que havia um plano pra matar ou exterminar, não sei qual o adjetivo*

que vocês usavam, sindicalistas de Volta Redonda. Você ficou sabendo disso? Você deu uma entrevista no jornal sobre isso...

CAH: É eu dei porque... bom, aconteceu o seguinte, isso já da greve de 90, que é a greve contra a privatização. Nós falamos da de 88, na de 90 nós... entre 89 e 90, sabíamos que ia privatizar a CSN. Então, novamente esse movimento popular e sindical falou... inclusive na sua expressão até hoje nunca vista aqui, que eles rodearam toda a CSN num abraço, isso tem uma foto de avião, uma foto aérea, a gente vê toda a CSN abraçada pelos populares. Foi esse fato que levou o Delfim Neto comentar lá na Argentina: “Aquele povo ama aquela cidade, ama aquilo... então vai ser difícil.”. Então, essa luta contra a privatização, a gente fez a greve. Greve, não vai privatizar, e tal, tal, tal. Eu, numa assembleia...

EB: 31 dias?

CAH: É, 31 dias de greve. Numa assembleia, eu propus o seguinte: “Olha gente, essa greve nossa...”, propus na assembleia e passou... “Dessa vez nós não vamos ter que ficar só dentro da CSN, nós temos greve acontecendo no ABC, os trabalhadores da Light tão paralisando o país, nós temos que sair e paralisar a Dutra, porque a Dutra ela mantém um canal de comunicação.”. A Dutra tá parada, então cê vai parar caminhoneiros, ônibus, outras empresas. Então, isso aí passou na assembleia e nós távamos organizando pra sair em passeata, os 30 mil, sair aqui pela 207 e toda aquela região ali que comunica com a Dutra, a gente paralisar e passar a fazer a greve ali. Como que eu vim saber que isso foi decisivo, no dia 15 de agosto de 88, alguém falou: “Cerezo, seu nome tá no Jornal do Brasil. Tá dizendo lá que tinha um comando pra matar você, o Isaque, o Albano, o Vanderlei e o Nilson.”. Aí, eu fui, comprei o jornal e vi o relato. É o seguinte... aí o capitão tava falando que recebeu uma ordem pra nos assassinar, porque a gente tinha decidido paralisar a Dutra e isso ia levar o país numa greve geral, já juntando com o ABC e com os eletricitários e que haveria uma ingovernabilidade. E aí, o comando decidiu por nos assassinar. E aí, ele explica lá que quando ele recebeu a ordem, o capitão Dalton, ele recebeu a ordem, eu vi lá: “Cerezo mora no bairro Mariana Torres, número tal e a frequência dele, ele chega em casa tal hora, tudo descrito que era verdade, era aquilo mesmo, que mostra que alguém já veio, fez todo o levantamento pra entregar aos assassinos. Aí o capitão Dalton, ele narrando lá no jornal, depois eu vou te dar a cópia pra quem interessar, ele foi não, porque o general que deu essa ordem é o mesmo que combateu a guerrilha no Araguaia: o general Pinheiro, João Pinheiro, acho que é João não sei o que Pinheiro. E ele era experiente nesse combate, então ele

deu a ordem, comandava o serviço de forças especiais. Aí o capitão Dalton falou assim: “Não, eu verifiquei que esses aí são os trabalhadores. Não são assassinos.”, porque disse que a gente tinha orientação de guerrilha, e tal, tal, tal, “Então, não vou assinar, vou querer que você me dê por assinado essa ordem.”. Aí, o general falou assim: “Não, mas não é praxe nessas missões assinar uma ordem.”. Mas ele colocou aquilo como empecilho: “Não, ou você assina ou eu me recuso a fazer.”. Ele não assinou, o capitão recusou a fazer. Quando passam uns 4 ou 5 meses, chega o comando aonde o capitão trabalha e fala assim: “Você tá preso, porque você tá assaltando armas do exército.”. Aí, diz ele que entendeu que aquilo ali era a eliminação dele, “Eles vão me levar prum lugar, e me matar.”. Aí comunicou com o advogado dele, que já tava mais ou menos por dentro e levou pra anistia internacional, que aquilo ali era uma senha, ele já sabia, porque ele já tinha participado de outras missões, era uma senha pra eliminar ele. A advogada vai e divulga... o jornal do Brasil aceitou divulgar e lança pro país a fora todo. Ou seja, aí frustrou o plano de assassinato, porque todo mundo saberia que veio do comando do exército, ou seja, isso somado a morte de Juarez, eu era muito menos conhecido que o Juarez. Se eu tava na lista de morte, imagina o Juarez, que tava ali no topo da... né. Então, isso me leva a crer que realmente tinha um plano e esse plano foi frustrado por isso. Agora quando eu fui anistiado, você deve saber que o Habeas Data dá direito à pessoa saber se o nome dele consta lá. Eles não me entregaram essa parte. Então, diz que tá num documento secreto do exército e que não...

EB: *Não é só o seu não...*

CAH: Os desaparecidos...

EB: *O exército nega a entregar. A gente tem acesso a documentos do exército através do SNI¹⁷...*

CAH: Ah é, do arquivo deles?

¹⁷ SNI - Serviço Nacional de Informações

EB: *Alguns documentos do exército foram passados pra SNI e esses documentos do SNI foram abertos, tão disponibilizados. Então, o que se consegue é através do SNI ou do DOPS¹⁸, mas do exército, o arquivo assim...*

CAH: E cê vê que esse meu é mais recente, ele não pode dizer que sumiu, foi agora, agosto de... quer dizer, foi julho, agosto de 90, né. Então eles realmente... eu tentei por várias formas, eles não entregam.

EB: *Bom, Cerezo, antes... agradecer em nome da Comissão da Verdade pelo seu importantíssimo depoimento (inaudível) pra encerrar, qual a importância que você vê no trabalho da Comissão da Verdade, novamente colocar em pauta todas essas agressões a pessoa humana que ocorreram na ditadura militar e na ditadura militar tardia, que foi o caso de Volta Redonda.*

CAH: Eu vou falar aqui mais ou menos o que eu falei no Ministério da Justiça no mês passado, que nós tivemos uma reunião pra fazer um balanço, porque havia aquela coisa, governo Dilma pode perder, então a gente tem que ter um balanço da nossa gestão. Eu coloquei lá, Edgard, que eu estava frustrado, porque eu acho um absurdo todos que se interessam pela política sabem, que nós tivemos no país, eu até computo o final dos anos 70, uma ascensão do movimento operário nunca antes vista. Dos anos 70, desde a oposição PT, CUT, movimentos populares até a chegada do Lula no Planalto em 2002 e até a vitória da Dilma agora, com todos os problemas imensos, o movimento operário tá na crista. Ele não deu espaço pra direita se pronunciar como protagonista da história. O PT tem a maior bancada, então eu estava frustrado por ter um ascenso de 30 anos e a gente não conseguir prender um general torturador, que fica com o dedo na nossa cara a todo tempo. E a gente sabe onde eles estão. Aqui no Rio surgiu um movimento do escracho: ia na casa do torturador, fazia lá a manifestação, né, e aí o cara saía correndo, vinha o segurança dele, depois vinha a PM e impedia. Então eu acho isso uma derrota imensa, eu falei lá, falei: “Ó, tô frustrado, nós teríamos como, até do ponto de vista legal, identificar como fez a Argentina, que tinha um argentino presente nesse dia lá e falou, como fizeram outros países, de levar essas pessoas pro banco do réu. Então, o Isaque disse bem, hoje a Comissão da Verdade, como vocês e outros que estão aqui, correm risco, porque esses torturadores estão aí, sabem quem nós somos, né, sabe o que a gente come, como aconteceu na lista lá de morte, sabe

¹⁸ DOPS - Departamento de Ordem Política e Social

onde a gente mora, sabe... e eles se consideram vencedores, apesar de o movimento ter conseguido essa plenitude, né, porque não é fácil se a gente analisar por outro ângulo, com essa enxovalhada de denúncias contra o PT e mesmo assim o PT vencer as eleições, não é, ter maioria de votos, mostra que ele tá arraigado e ele vai deixar essa marca de não levar pros tribunais, porque poderia ter uma batalha, massa já tem, tem 60 milhões de eleitores. E se for nos sindicatos, nas associações, todos vão querer que esses torturadores sejam punidos. Então eu acho que pra gente não fazer com a Comissão da Verdade, que é um gesto quase que heróico, conforme os que aceitam, pra que ela não se transforme numa comissão da mentira, eu, todos nós que estamos envolvidos, temos obrigação de mais do que identificar, ouvir o relato de cada um, levar esses criminosos a serem punidos, porque se não, o que que eu penso, você vê, eu atuo muito no sindicato dos professores do Rio, a PM se dá ao abuso de espancar o professor, pegar o negrinho da favela e desaparecer com ele e o professor Tarcísio foi cobrar isso do Pezão, ele deu uma risada, quando o Tarcísio perguntou: “Cadê o Amarildo?”, ele deu uma risada, tipo, “Você não sabe que a gente manda?”. Então, a PM hoje a não ver esses torturadores, a polícia de forma geral, sendo punidos, eles ficam à vontade pra abusar dos direitos humanos, nos mínimos detalhes, no mínimo exercício de cidadania. Então, nós vamos coletar esse meu e os outros depoimentos, pelo menos de nossa parte, eu vou levar pro Ministério da Justiça. Nós temos que fazer uma lei pra punir, não é uma pacificação. Ah, matou 100, volta pra casa, Deus te ajude, o perdão. Eu sou contra dar o outro lado da face, porque nós sabemos que famílias foram destruídas, desorganizaram vida de pessoas que nunca mais teve condições de se reestabelecer, porque não era só a perseguição de assassinato, era eles tirar você do emprego, tirar seu filho do emprego, mandar uma lista suja pras empresas pra não te admitir mais. As pessoas foram colocadas na decisão terrível de não saber se foi melhor ter morrido ou viver uma penúria tão ruim assim. Então, eu acho que a gente cumprindo essa etapa de coletar a verdade, identificar, agora outra etapa tem que ser cumprida: de punir essas pessoas. Você vê que o Ustra lá em São Paulo, ele zombou de quem tava presente: “Duvido que vocês me levam preso.”. Ah, que que isso!? Não acontece nada? Eu estava lá no julgamento do cabo Ancelmo, ele falou com a maior frieza que ele entregou mesmo a companheira dele, o advogado dele falou que ele não foi. Então, tão tudo solto, tudo por aí no clube militar, fazendo nota, rindo da nossa casa, aqueles que explodiram carro no Rio centro, capitão Wilson tá lá em Brasília fazendo *cooper*, pra lá e pra cá, comendo do bom e do melhor, né. Eu acho que essa dívida, eu pelo menos, disponho, já fiz 60 anos agora dia 14, e até o fim dos meus dias, eu vou dizer pra ele: “Se depender de nós, vocês vão ser punidos.”, mesmo que entre pra cadeia com 85 anos, tem que ser punido, porque é uma página que a gente não virou. Tá assim... ó, tá ainda no meio

do caminho, entendeu!? Então, eu acho que esse trabalho é válido, porque ele tá identificando, tá registrando, tá catalogando, e aí a gente vai ter mais segurança pra fazer essa segunda etapa, que não só no Brasil, como no exterior, nos apoiaria e é uma missão, eu falei agora pra Sandra pra gente levar isso nas universidades, nas escolas, porque se não, vai ter uma borracha, vai apagar, a nova geração vai chamar a gente de criminoso, de ditador, e tal, e a vida continua, né. Eles tão com a caneta na mão, eles fazem a história, então é uma missão que a gente tem que continuar pra completar esse trabalho, né.

EB: *Muito obrigado, Cerezo.*

CAH: É isso aí.

[FIM DO DEPOIMENTO]